



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 1

“INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

EIXO 1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA

MR1.1. - A integração latino-americana em perspectiva histórica

EMENTA

Esta mesa-redonda/GT analisará a história da integração latino-americana. Seus eixos temáticos são: (i) Fases da integração latino-americana. (ii) Origens e evolução dos processos de integração latino-americanos: semelhanças e diferenças. (iii) O nacional-desenvolvimentismo e o ideal da integração latino-americana nos anos 1950-1960. (iv) A integração latino-americana e o ciclo autoritário dos anos 1970-1980. (v) A integração latino-americana e a globalização neoliberal dos anos 1990. (vi) A nova esquerda e a integração latino-americana nos anos 2000.

Coordenador: George Sturaro: Centro Universitário de Curitiba - (UNICURITIBA – BRASIL)

Amado Luiz Cervo: Universidade de Brasília e Instituto Rio Branco - (UNB/IRBR- BRASIL)

Mario Rapoport: Universidad de Buenos Aires - (UBA- ARGENTINA)

André Luiz Reis da Silva: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - (UFRGS – BRASIL)

Osvaldo Luis Angel Coggiola: Universidade de São Paulo (USP – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

GRUPO DE CONTADORA E APOIO: A EXPERIÊNCIA MULTILATERAL PARA A PAZ NA AMÉRICA CENTRAL (autor(es/as): **Ariane de Oliveira Saraiva**).

ASPECTOS GEOPOLÍTICOS DA IMPLEMENTAÇÃO DA RODOVIA INTEROCEÂNICA PARA A CIDADE DE PORTO-VELHO (autor(es/as): **Fernando Corrêa dos Santos**).

O CARÁTER INTERNACIONALISTA DA REVOLUÇÃO CUBANA, SEGUNDO O PENSAMENTO POLÍTICO DE ERNESTO CHE GUEVARA (1959-1967) (autor(es/as): **Kauê Carlino Sichinel**).

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO DEBATE ECONÔMICO CEPALINO NO PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (autor(es/as): **Vinicius Figueiredo Silva**).

MR1.2. - A economia política da integração regional latino-americana

EMENTA

A mesa-redonda examinará os problemas políticos e econômicos dos diferentes processos de integração latino-americanos em perspectiva comparada. A mesa pretende refletir sobre: (i) a natureza intergovernamental da maioria dos processos de integração regional na América Latina; (ii) o papel das instituições supranacionais e intergovernamentais nas experiências de integração regional; e (iii) as assimetrias econômicas existentes entre os países latino-americanos e seus reflexos sobre o andamento dos processos e das propostas de integração regional.

Coordenador: Alexsandro Eugenio Pereira – Universidade Federal do Paraná (UFPR-BRASIL)

Rafael Freire: Central Sindical das Américas (CSA- BRASIL)

Marcelo de Almeida Medeiros: Universidade Federal de Pernambuco - (UFPE-BRASIL)

Luiz Daniel Jatobá França: Universidade de Brasília - (UNB-BRASIL)

Paulo Roberto de Almeida: Ministério das Relações Exteriores do Governo Brasileiro - (MRE-BRASIL)

CHINA E MERCOSUL: REFLEXOS DE UMA RELAÇÃO (autor(es/as): **ADRIANA SOUZA BENATTI**).

MATRIZ TEÓRICO-METODOLÓGICA PARA ESTUDAR A SITUAÇÃO DE DEPENDÊNCIA DA AMÉRICA LATINA (autor(es/as): **ALEXANDRE ANDREATTA**).

INSERÇÃO DA AMÉRICA LATINA NA GLOBALIZAÇÃO: RELAÇÕES ENTRE EQUIDADE SOCIOECONÔMICA E SIMBÓLICA (autor(es/as): **Edson Capoano**).

FLUXOS COMERCIAIS NA FRONTEIRA COM O PARAGUAI (autor(es/as): **ELOISA MAIESKI ANTUNES**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011). (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**).

A PARTICIPAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL NO MERCOSUL: INSTRUMENTOS LEGAIS E REALIDADE (autor(es/as): **Fabiane Mesquita**).

A governança global da cooperação internacional para o desenvolvimento: uma análise das instituições, da participação e da eficácia (autor(es/as): **Diego Henrique da Silva Baptista**)

MR1.3. Cenários e tendências da integração latino-americana

EMENTA

Desafios e oportunidades da integração latino-americana no futuro próximo. A integração regional na visão das "novas esquerdas". O papel dos partidos políticos e dos movimentos sociais na integração regional. A integração das economias e da infra-estrutura. "Novos temas" da integração regional: democracia, direitos humanos e justiça social. O papel da integração regional nas relações da América Latina com o resto do mundo.

Coordenadora: Karla Gobo – Faculdade Internacional de Curitiba - (FACINTER - BRASIL)

Rafael Duarte Villa: Universidade de São Paulo - (USP - BRASIL)

Marcelo Coutinho: Universidade do Estado do Rio de Janeiro - (UESP/UERJ - BRASIL)

Florisvaldo Fier (Dr. Rosinha): Parlamento do MERCOSUL – (PARLASUL – BRASIL)

Robson Cardoch Valdez: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

O PRINCÍPIO DA SUBSIDIARIEDADE NO MERCOSUL: O PAPEL DA COOPERAÇÃO DESCENTRALIZADA A NÍVEL CULTURAL (autor(es/as): **Ariane Saraiva**)

SEGURANÇA INTERNACIONAL: A participação latino-americana no caso haitiano no Conselho de Segurança (autor(es/as): **Caroline Cordeiro Viana e Silva**)

INTEGRAÇÃO REGIONAL EM INFRA-ESTRUTURA: AVANÇOS E CONTINUIDADES DA INICIATIVA PARA INTEGRAÇÃO DA INFRA-ESTRUTURA REGIONAL SUL-AMERICANA (IIRSA/2000-2010) (autor(es/as): **Danielle Rodrigues da Silva**)

INTEGRAÇÃO DA INFRAESTRUTURA REGIONAL SUL AMERICANA (IIRSA): UM ENFOQUE NAS ESTRADAS AMAZÔNICAS (autor(es/as): **Felipe da Silva Machado**)

O PAPEL DO MERCOSUL NA CONSOLIDAÇÃO DA DEMOCRACIA: UM BALANÇO PRELIMINAR E ALGUMAS HIPÓTESES (autor(es/as): **George Wilson dos Santos Sturaro**)

Caminhos para a integração: a concepção das Organizações Internacionais acerca da educação. (autor(es/as): **Tchella Fernandes Maso**)

MR1.4. A efetivação dos direitos fundamentais na América Latina

EMENTA

A presente Mesa Redonda/GT tem por finalidade debater a efetivação dos direitos fundamentais na América Latina. Os temas abordados serão: (i) as dificuldades de ordem política e econômica, entre outras, para a efetivação dos direitos fundamentais na região e (ii) a contribuição das organizações regionais para a efetivação dos direitos fundamentais nos seus Estados membros.

Coordenadores: Eduardo Biacchi Gomes - Faculdades Integradas do Brasil (UNIBRASIL - BRASIL) Cíntia de Almeida Lanzoni (PUC-PR - BRASIL)

Andrea Benetti Carvalho de Oliveira: Centro Universitário de Curitiba - (UNICURITIBA - BRASIL)

Francielle Morez: Centro Universitário de Curitiba - (UNICURITIBA - BRASIL)

Ronald Silka: Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR - BRASIL)

Igor Koltun Rebutini: Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

PRIORIDADES ATENDIDAS PELOS MUNICÍPIOS GAÚCHOS ATRAVÉS DE RECURSOS DO PROGRAMA SISTEMA INTEGRADO DE SAÚDE NAS FRONTEIRAS (autor(es/as): **Carla Gabriela Cavini Bontempo**)

A QUESTÃO INDÍGENA E O ESTADO BRASILEIRO (autor(es/as): **ELIAS MARCOS GONÇALVES DOS SANTOS**)

O PACTO PELA SAÚDE NAS CIDADES-GÊMEAS DA FRONTEIRA DO RIO GRANDE DO SUL COM A ARGENTINA E O URUGUAI (autor(es/as): **Lislei Teresinha Preuss**)

A PARTICIPAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL NAS INSTITUIÇÕES COMUNITÁRIAS DO MERCOSUL (1991 – 2011) (autor(es/as): **Ludmila Andrzejewski Culp**)



MATRIZ TEÓRICO-METODOLÓGICA PARA ESTUDAR A SITUAÇÃO DE DEPENDÊNCIA DA AMÉRICA LATINA

Alexandre Andreatta¹

Profª Drª Luisa Maria Nunes de Moura e Silva²

¹ UNILA – Graduando em Relações Internacionais e Integração

CEP: 85867-970 Foz do Iguaçu-PR

andreatta.a@gmail.com

² UNILA – É Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (1997). Realizou estudos teóricos para doutorado na Universidad Nacional Autonoma de Mexico - UNAM (1977-1980). É Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (1977).

É especialista em Métodos e Técnicas da Pesquisa Social pela Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (1967) onde trabalhou durante 10 anos (1966-1976). É licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Católica de Pernambuco (1968).

CEP: 85867-970 Foz do Iguaçu-PR

luisa.moura@unila.edu.br

Resumo:

É fundamental conhecer e, mais ainda entender o processo e a relação entre desenvolvimento e subdesenvolvimento em todas as suas dimensões econômica, social, político-jurídica, ideológica e cultural, territorial e étnica, para que seja possível entender e propor os caminhos para a integração no continente latino-americano. Este é um estudo sobre a teoria da dependência, uma revisão de seus aspectos teóricos, mas, sobretudo, metodológicos que estão contidos nas obras dos principais autores que criaram e desenvolveram a teoria, que polemizaram com ela e que a utilizaram para analisar situações concretas de países e regiões latino-americanas.

Palavras-chave: teoria da dependência, centro, periferia, América Latina.



MATRIZ TEÓRICO-METODOLÓGICA PARA ESTUDIAR LA SITUACIÓN DE DEPENDENCIA EN LATINOAMERICA

Resumen

Es importante saber y más aún a entender el proceso y la relación entre el desarrollo y el subdesarrollo en todo su desarrollo económico, social, político, jurídico, ideológico y cultural, étnica y territorial, para que pueda entender y proponer formas de integrar el continente latinoamericano. Se trata de un estudio de la teoría de la dependencia, una revisión de sus aspectos teóricos, pero sobre todo, metodológico que se encuentran en las obras de autores que han creado y desarrollado la teoría de que polemizaron con él y lo utilizó para analizar las situaciones concretas de países y regiones de América Latina.

Palabras-clave: teoria de la dependencia, centro, periferia, Latinoamerica

Theoretical-Methodological Matrix to study the dependence situation of Latin America

Abstract

It's essential to know, but it's most important to understand the process and the relation between development and underdevelopment in all its economic, social, political, legal, ideological and cultural, ethnic and territorial extensions, in order that, to understand and propose the ways to integrate the Latin American continent. This is a study about the dependency theory, a review of its theoretical aspects, especially the methodological ones contained in the works of authors who have created and developed the theory, which stirred through and used it to analyze concrete situations of countries and regions from Latin American.

Key words - dependency theory, center, periphery, Latin America.



Introdução

Para a realização de qualquer diagnóstico, bem como para a construção de cenários do desenvolvimento e da integração latino-americana, se faz necessário reunir informações de ordem econômica, social, político-jurídica, territorial e de populações que permitem compor o quadro fenomenológico que se vai analisar.

Os estudos sobre as questões envolvidas pelo debate do subdesenvolvimento x desenvolvimento da América Latina e do papel dos processos de integração regional para superar esta contradição que se desenvolveram a partir da CEPAL abriram várias linhas de discussão teórica e metodológica para o entendimento dessas realidades, sobretudo nas ciências econômicas e políticas, na sociologia e filosofia (estando aí contidas discussões no campo das ideologias, da cultura, da educação, da comunicação). Estas discussões se consolidaram, a partir dos anos 1970, através de seus seguidores, por meio de teses e de práticas políticas, quer ao nível de aparato de estado, quer ao nível de ações de partidos políticos, quer na academia, em linhas conceituais de pesquisa e de construção de modelos de análise conceitual. As principais seriam:

1. Estruturalismo cepalino – Raúl Prebisch, Celso Furtado, Oswaldo Sunkel, Maria da Conceição Tavares e mais recentemente Ricardo Bielshovsky;
2. Teorias da marginalidade estrutural – Anibal Quijano, Jose Nun;
3. Teorias da dependência – André Gunder Frank, Ruy Mauro Marini, Theotonio dos Santos, Vânia Bambirra, Fernando Henrique Cardoso, Hector Michelena e mais recentemente Ana Esther Ceceña, Claudio Colombani, Emir Sader e Nilson Araújo de Souza;

Em que pese a importância das análises da marginalidade nas décadas de 1970 a 1990 na América Latina, eles colocaram o seu foco no estudo de paisagens urbanas e nas questões relativas a “trabalho” e “populações marginalizadas”. Já a democratização dos estados latino-americanos e as recentes iniciativas de integração regional trazem à tona o debate mais de meio século, principalmente



porque é necessário que seja entendido o processo de fracionamento do continente para poder integrá-lo. Neste ponto, o aprofundamento dos estudos históricos é fundamental, pois revela os momentos em que contradições e conflitos cruciais ocorreram nas sociedades latino-americanas.

Estas contradições e conflitos, segundo economistas, sociólogos, filósofos e cientistas políticos, a despeito das tentativas bolivarianas, consolidaram a “desintegração” continental, estruturando uma situação de isolamento entre si das sociedades latino-americanas. Esta situação teve como consequência o enfraquecimento de seu desenvolvimento interno, gerando uma situação desfavorável em sua inserção na ordem mundial.

É neste contexto que a teoria da dependência se destaca entre as teorias que ainda vêm sendo desenvolvidas quando oferece marcos conceituais de referência para o entendimento das condições de reprodução do sistema capitalista em países latino-americanos e de situações políticas desde as ditaduras às configurações recentes do estado (socialismo do século XXI) em alguns países latino-americanos como Venezuela e Bolívia. Em primeiro lugar porque vincula as concepções de desenvolvimento e integração e, em seguida, porque suas análises evidenciam a relação simbiótica e simultaneamente parasitária entre os processos de desintegração e subdesenvolvimento interno dos países periféricos (da América Latina e do hemisfério Sul de um modo geral) como desenvolvimento e integração das sociedades ao nível mundial. Tem se como objeto de nossa pesquisa teórico-metodológica as “teorias da dependência” que estudaremos desde sua construção, desenvolvimento e polêmicas estabelecidas, até seus desdobramentos teórico e metodológico mais recentes (século XXI), refazendo o caminho da construção, pelos seus principais autores, de conceitos, categorias e como eles os desdobraram em variáveis e indicadores em análises concretas ou em construção de cenários.

Fundamentação Teórica

Nos países da América Latina as questões do desenvolvimento foram tratadas tradicionalmente pelas ciências econômicas e sociais como uma questão



interna aos países, e a questão da integração regional no nosso continente teve como referência o modelo europeu e foi centrada na criação de mecanismos estimuladores da industrialização como veículo da modernização e do crescimento econômico. Esta perspectiva sofreu uma inovação a partir da concepção cepalina das relações centro-periferia que percebia na união de forças uma alavanca para alcançar tanto a identidade sociocultural regional, (retomando os sonhos bolivarianos) como os esforços necessários para vincular a América Latina ao desenvolvimento científico e tecnológico em marcha mundial.

A perspectiva estrutural cepalina acerca das causas e condições do subdesenvolvimento e dos modos de superar os obstáculos ao desenvolvimento foi, e ainda é, a teoria do desenvolvimento mas influente que até agora se produziu. Ainda que enfatizasse, no seu início, sobretudo os aspectos econômicos de subdesenvolvimento X desenvolvimento, já na década de 1950, quando seus penadores passaram a ocupar-se das condições sociais do desenvolvimento econômico, incorporou elementos provenientes da sociologia, da antropologia e de outras ciências sociais em suas análises e projeções.

Para o diagnóstico dos dilemas do desenvolvimento latino-americano, a CE¹PAL parte de uma crítica à teoria clássica das vantagens comparativas e usa as categorias de centro e periferia para mostrar que as relações econômicas sob o capitalismo tendem a reproduzir as condições de subdesenvolvimento e a aumentar a distância entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. A razão disso estaria no fato da taxa de crescimento da produtividade é maior na indústria manufatureira dos países centrais que na produção de bens primários nos países periféricos sem que esse crescimento se disseminasse via uma equiparação de preços em direção à produção primária (como supunha a teoria clássica). O resultado seria a tendência, a longo prazo, à deterioração dos preços de intercâmbio em detrimento dos produtos primários e a concentração, também

1 CEPAL – A Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) foi criada em 25 de fevereiro de 1948, pelo Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (ECOSOC), e tem sua sede em Santiago, Chile. A CEPAL é uma das cinco comissões econômicas regionais das Nações Unidas (ONU). Foi criada para monitorar as políticas direcionadas à promoção do desenvolvimento econômico da região latino-americana, assessorar as ações encaminhadas para sua promoção e contribuir para reforçar as relações econômicas dos países da área, tanto entre si como com as demais nações do mundo. Posteriormente, seu trabalho ampliou-se para os países do Caribe e se incorporou o objetivo de promover o desenvolvimento social e sustentável.



tendencial, do progresso técnico nos países produtores de manufaturas ou centrais. Considera a CEPAL que o funcionamento dinâmico da divisão internacional do trabalho reproduz de forma permanente esta dicotomia ao ponto de “a periferia tende a transferir parte do fruto de seu progresso técnico aos centros, enquanto estes retém o seu próprio”. CEPAL, 1969, p.61).

Os autores cepalinos trabalharam a temática da “integração” como forma de superar o subdesenvolvimento. A questão da integração da América Latina está presente na perspectiva cepalina desde seu início (CEPAL, 1951, p. 143) mas é acentuada na década de 1960. Raul Prebisch, junto com Felipe Herrera (primeiro presidente do BID), destacaram que esta perspectiva teve resultados concretos em 1960 com a assinatura do Tratado de Montevideu e a criação da Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC) e posteriormente pela via da criação dos mercados Comuns Centro Americano, Subregional Andino, e o dos países anglofalantes do Caribe, entre outros. No Brasil foi celso furtado quem levou adiante a significativa experiência da SUDENE² para realizar a integração interna do Nordeste à economia nacional e assim vencer o subdesenvolvimento, a fome e a miséria daquela região.

Mais recentemente a CEPAL reformulou seu pensamento para tratar a integração sob a formulação do “regionalismo aberto”, ou seja, ultrapassar as fórmulas clássicas dos modelos integracionistas para propor um complexo processo onde os países envolvidos tratam da liberalização do comércio de bens e serviços entre os membros do modelo de integração, mas sem aumentar as barreiras de tal comércio frente a terceiros, dentro dos compromissos jurídicos adquiridos por força da Organização Mundial de Comércio.

Já as teses da marginalidade estrutural do capitalismo foram desenvolvidas basicamente sobre duas grandes correntes sociológicas: a do estruturalismo funcionalista e a do estruturalismo histórico. No núcleo conceitual do estruturalismo funcionalista, a noção de “sistema social”, entendia que o consenso e uma funcionalidade universal dos elementos que constituiriam a estrutura de uma sociedade conduziam a uma certa harmonia e continuidade e uniam os vários

2 SUDENE – A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste(SUDENE) é uma autarquia especial, administrativa e financeiramente autônoma, integrante do Sistema de Planejamento e de Orçamento Federal.



segmentos sociais. Sob essa perspectiva, toda existência marginal se configuraria como uma forma, ao menos em parte, não integrada à sociedade, uma desorganização transitória que, com certos ajustes e políticas setoriais que facilitassem a adaptação-integração, eliminariam a necessidade de maiores alterações estruturais e modificações nas *tendências fundamentais* da própria sociedade (Quijano, 1978; Vêras, 1999).

O estruturalismo histórico, considera que a integração da sociedade ocorre, preponderantemente, de maneira conflituosa e descontínua, enfatizando a importância das circunstâncias históricas que determinam a incorporação dos diversos elementos à estrutura social. Nestas circunstâncias, “a existência marginal de um conjunto de elementos pode ser o resultado da natureza da mesma da estrutura vigente da sociedade” (Quijano, 1978, p. 31). Sob essa ótica, a pobreza estaria enraizada nas próprias contradições do modo de produção capitalista.

Na América Latina, na década de 1970, esta visão estruturalista histórica concentra os debates sobre a marginalidade. Os trabalhos de José Nun, em 1969, e de Aníbal Quijano, em 1970 são exemplares dessa linha teórica, pois defendem a especificidade do conceito de marginalidade, rechaçando, todavia, a visão dualista, própria ao funcionalismo.

Aníbal Quijano, ainda na CEPAL, teve como referência os problemas surgidos no processo de urbanização posterior à II Guerra Mundial, cuja consequência foi o estabelecimento de núcleos de populações abaixo da linha de pobreza na periferia das grandes cidades latino-americanas. Situadas nas *margens* do corpo urbano tradicional das cidades, ressaltando que logo se descobre que moradias precárias também eram localizáveis nos setores mais centrais e tradicionais das cidades. Além desse fato, verifica que “não era unicamente a moradia ou a habitação como tais que se encontravam em precariedade, mas todo o conjunto de “serviços comunais” (água, esgoto, luz elétrica, transportes) de certas áreas da cidade” (Quijano, 1978, p 19).

Muitos autores passaram a fazer uso corrente do conceito e, conseqüentemente, diversas variantes de utilização do termo se integram às análises acadêmicas no decorrer dos anos 1970 na América Latina. Dentre outras,



eram encontradas abordagens que tomavam a marginalidade como uma situação ecológica, referida à falta de integração destes núcleos “em relação aos serviços comunais que caracterizam a ecologia urbana das cidades” (Quijano, 1978, p.20); análises que privilegiavam a marginalidade como participação na *cultura da pobreza*, nesse caso associada a um fenômeno psicológico-social, que se caracterizaria por sentimentos ambivalentes de não pertencimento e, ao mesmo tempo, de dependência, o que remeteria a uma carência de identidade sócio-cultural; formulações nas quais a marginalidade era tomada como fruto de um atraso no desenvolvimento econômico dos países subdesenvolvidos, alguns grupos sempre permanecem à margem dos benefícios materiais e culturais alcançados pela sociedade nacional.

Autores brasileiros como Kowarick e Berlink também assumiram esta discussão, convergindo para a noção de que o sistema capitalista, nos países periféricos, não resultou de duas formas produtivas estanques, “uma dinâmica e a outra que constituiria um “peso morto” no processo de geração de riquezas” (Kowarick, 1975, p. 83), mas afirmavam que uma única lógica estrutural capitalista reuniria formas desiguais e combinadas de produção, que guardariam estreita relação com o ciclo de expansão do capital. Também questionavam a amplitude do termo *marginalidade*, que rapidamente havia acolhido uma variedade de situações e problemas e, em consequência, perdera em clareza conceitual e analítica. Partiram para uma utilização mais circunscrita do conceito, passando a equacioná-lo em termos de processo de inserção ou não dos trabalhadores no sistema produtivo capitalista e estabelecendo uma relação com a formulação marxista do *exército industrial de reserva*.

Cabe ressaltar, contudo que, se as análises do fenômeno da marginalidade dão conta das situações estruturais impeditivas do desenvolvimento (capitalista) os países periféricos e ditos subdesenvolvidos, elas ativeram-se à avaliação das formas de inserção dos trabalhadores no modo produtivo capitalista periférico e no próprio entendimento da forma de desenvolvimento deste capitalismo periférico.

Nos anos 1980, novas inflexões e temáticas são acrescentadas à discussão . Pode-se dizer que, sob a inspiração da *transição democrática* no calor do crescimento dos movimentos populares, enfim, diante da própria reorganização da



sociedade civil brasileira, o enfoque da discussão sobre a marginalidade muda. As análises sobre a pobreza, suas características e causas, as pesquisas sobre favelados e sobre a imigração como emblemas da exclusão nas cidades, tudo isso muda de tom para a consideração da marginalidade como cidadania limitada, vista como resultado da dificuldade desses grupos em participarem do processo de desenvolvimento econômico e de ascensão social.

Recentemente Quijano se posicionou em relação às questões da integração dos países latino-americanos: enquanto o pensamento latino-americano não romper com o eurocentrismo, enquanto os estados da região não forem descolonizados, haverá sempre a realimentação dos conflitos culturais e políticos entre os povos o que, portanto, impossibilita a plena integração.

Ainda no decorrer da década de 1960 começaram a articular-se objeções às teses da CEPAL ao mesmo tempo em que estavam sendo feitas importantes reformulações das posições marxistas que ultrapassavam muitas vezes os limites do próprio marxismo. Eram resultado de reflexões sobre o caso caribenho da revolução cubana e outras situações de mudanças na Venezuela, Colômbia e Peru. Foram estes os antecedentes mais imediatos do dependentismo. Ou seja, os processos de mudança experimentado pela grande maioria dos países latino-americanos repercutiu sobre o pensamento crítico da região dando lugar ao surgimento deste novo paradigma teórico que, simultaneamente, questionava e punha em dúvida as afirmações das ordens teórico-metodológicas anteriores.

Antes que, no início dos anos 60, Andre Gunder Frank fizesse alguns estudos concretos sobre problemas do subdesenvolvimento na América Latina, especialmente na América Latina, Brasil e Chile, e em torno de terras relacionados com a suposta presença do “feudalismo” nas estruturas econômicas, social e política da região, Paul Baran já havia escrito a *Economia Política del Crecimiento* (Baran, 1957/1966) obra em que dedicou 3 extensos capítulos às origens e morfologia do atraso e onde discutia como o desenvolvimento do capitalismo europeu havia engendrado subdesenvolvimento naquelas regiões para onde se expandiu. Um dos principais objetivos de trabalhos posteriores de Frank (Frank, 1970), foi demonstrar a inveracidade das análises que viam a influência do “feudalismo” como obstáculo ao desenvolvimento dos países subdesenvolvidos.



Como bem assinala o autor: se “sustenta que o subdesenvolvimento (...) é produto necessário de quatro séculos de desenvolvimento capitalista e das contradições internas do próprio capitalismo. Essas contradições são: a expropriação do excedente econômico da maioria e a sua apropriação pela minoria; a polarização do sistema capitalista num centro metropolitano e em satélites periféricos; e a continuidade da estrutura fundamental do sistema capitalista a longo da história da sua expansão e transformação, por causa da persistência ou reprodução dessas contradições em todas as partes e o tempo todo. É minha tese que estas contradições capitalistas e o desenvolvimento histórico do sistema capitalista geraram subdesenvolvimento nos países satélites periféricos expropriados, ao mesmo tempo em que alimentavam desenvolvimento nos centros metropolitanos que se apropriaram do excedente econômico daqueles; e, além disso, que esse processo continua” (Frank, 1970, p.15).

Autores importantes da teoria da dependência, Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto demonstram que outro antecedente destacado do surgimento de novas abordagens foi o próprio pensamento cepalino ao qual eram emitidas críticas sobre o tipo de novas abordagens aos problemas que discutiu e tentou resolver, particularmente porque deixava de fora de consideração “as relações imperialistas entre os países” e “relações assimétricas entre as classes”. (Cardoso/Faletto, 1985, p. 14). Estes autores mantêm o axioma cepalino centro e periferia mais redefinem o conceito de dependência explicito nele. Para o cepalismo (em seus dois momentos), este se refere ao externo, à dependência econômica da reprodução material das sociedades submetidas a ela pelos países centrais, ou seja, do sistema da divisão internacional do trabalho. Para o dependentismo destes autores, a dependência “diz respeito diretamente às condições de existência e funcionamento do sistema econômico e do sistema político, mostrando as vinculações entre ambos, tanto no que se refere ao plano interno dos países como ao externo” (Cardoso/Faletto, 1969, p 24 e 28). A inovação do enfoque dependentista deu origem a uma onda de análises e teorizações em vários países da América Latina, sobretudo na Venezuela com H. Michelena, a partir do CENDES, da Universidade Central da Venezuela e no Chile,



na FLACSO³, bem como se instalou a primeira rede de estudos sociais na perspectiva crítica, a CLACSO⁴.

A crise econômica e política dos anos 1970 e a instalação da nova divisão internacional do trabalho “certificou” as análises dependentistas na medida em que evidenciou que a relação entre os países em que o capitalismo estava instalado e em pleno desenvolvimento e os demais que, embora possuindo riqueza em matérias-primas não dispunham de capital próprio para explorá-las, era uma relação parasitária.

Estas abordagens dependentistas foram consideradas “enfoques” até que, a partir dos trabalhos de Theotonio dos Santos (1970 e 1972), Ruy Mauro Marini (1971 e 1973) e Vânia Bambirra (1974) se constituiu a vertente da “teoria da dependência”. Para Dos Santos o conceito de dependência adquire *status* teórico próprio ao ser definido como uma *situação condicionante* na qual “um certo grupo de países tem a sua economia condicionada pelo desenvolvimento e expansão de outra economia a qual a própria está submetida”, e ao conceber-se que “uma situação condicionante determina os limites e as possibilidades de ação e comportamento dos seres humanos.

A categoria da dependência aparece assim como um instrumento de análise fundamental de nossa realidade. Em essência podemos compreender hoje em dia que o desenvolvimento de nossos países tem os seus padrões particulares, que estão dados pela situação de dominação a que estamos submetidos econômica, social e politicamente. Estes padrões específicos determinam um tipo de desenvolvimento dependente que tem como característica fundamental o de fazer-se com critérios duplamente exploradores. (Dos Santos, 1972, p. 42)

Enquanto Vânia Bambirra estabelece uma tipologia dos países dependentes na América Latina e tenta explicar as fases históricas de sua evolução segundo o critério da divisão social do trabalho, o tema da dupla exploração ou super-exploração é retomado por Marini e desenvolvido de forma sistemática: “A

3A Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) é um organismo internacional, inter-governamental, autônomo, fundado em 1957, pelos Estados latino-americanos, a partir de uma proposta da UNESCO.

4O Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (**CLACSO**) é uma instituição internacional não-governamental, fundada em 1967, que mantém relações formais de consulta com a UNESCO, tendo como objetivo a promoção e o desenvolvimento da pesquisa e do ensino das Ciências Sociais



participação da América Latina no mercado mundial contribuirá para que o eixo da acumulação na economia industrial se desloque da produção de mais-valia absoluta para a mais valia-relativa, quer dizer, que a acumulação passe a depender mais do que o aumento da capacidade produtiva do trabalho do que simplesmente da exploração do trabalhador. Contudo o desenvolvimento da produção latino-americana, que permite a região coadjuvar esta mudança qualitativa nos países centrais, se dará fundamentalmente com base numa maior exploração do trabalhador”. (Marini, 1973, p.23). Quer dizer, segundo este autor quanto mais se (sub)desenvolver a América Latina, mais se sobre impõem a exploração via maior exploração direta do trabalho e a exploração via capacidade produtiva do mesmo. Este processo é conceituado como “super-exploração do trabalho, termo que aparece na polêmica da teoria da dependência como uma de suas pedras angulares. Outra formulação importante deste autor é a de que a dependência externa também provoca a fratura do consumo popular, levando à quebra pequenas e médias industriais locais e nacionais; e, por outro lado, com a elevada concentração de níveis de renda, amplia, para uma elite minoritária, o consumo de bens suntuários, geralmente importados. Mas a mais importante formulação de Marini foi o conceito de *padrão de reprodução de capital* com o qual pretendia abarcar a identificação de variáveis e indicadores capazes de formar um quadro realista dos processos de situação de dependência dos países latino-americanos.

Objetivos

É necessário elaborar diagnósticos das realidades com bases de dados comparáveis para que, ao serem propostas ações que a curto e médio prazos possam vir a ser implementadas como políticas de estado, que tenha base real e não sejam apenas um “modelo” irrealizável. Para tanto é necessário levar em consideração todas as variáveis e indicadores que, com maior precisão, ajudam a construir o quadro mais realista possível.

Objetiva-se a construção de uma matriz conceitual da teoria da dependência, composta por conceitos e categorias de variáveis, capaz de orientar a busca de



dados e informações e análises concretas de realidades parciais latino-americanas.

Metodologia e Resultados

Como metodologia utilizou-se da formação de um grupo de estudos em Teoria da Dependência para leitura aprofundada, reflexiva e comparativa das teorias da dependência para identificar as variáveis internacionais que influenciam nas transformações internas; discussão, em seminários semanais de três horas dos textos escolhidos, possibilitando a realização de resumos e futura construção de uma matriz teórico-metodológica que permita entender estas realidades.

Através da formação do grupo de estudos em teoria da dependência na Unila – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, com acadêmicos, professores, alunos e colaboradores de outras instituições, foi possível promover a discussão e socializar a polêmica acerca das consequências dos processos de desenvolvimento x subdesenvolvimento nos países periféricos, principalmente nos da América Latina e Caribe, isso permitiu a elaboração de um blog, <http://teoriadadependencia.blogspot.com.br/> - que divulga textos clássicos dos fundadores da Teoria da Dependência e dos autores modernos que a têm como referência para análise do desenvolvimento e da integração da América Latina, no qual é possível manter a discussão com toda a comunidade sobre as leituras realizadas e assim contribuir para a construção de uma matriz teórico-metodológica que permita entender estas realidades,

Nesse grupo procuramos desenvolver um conceito matricial de "padrão de reprodução" que se desdobra em categorias de análise como dupla acumulação, superexploração da força de trabalho, subimperialismo, entre outra. Estas categorias redefinem variáveis e indicadores coerentes com esta perspectiva de análise para estabelecer diagnósticos e construir cenários sobre desenvolvimento e integração da América Latina

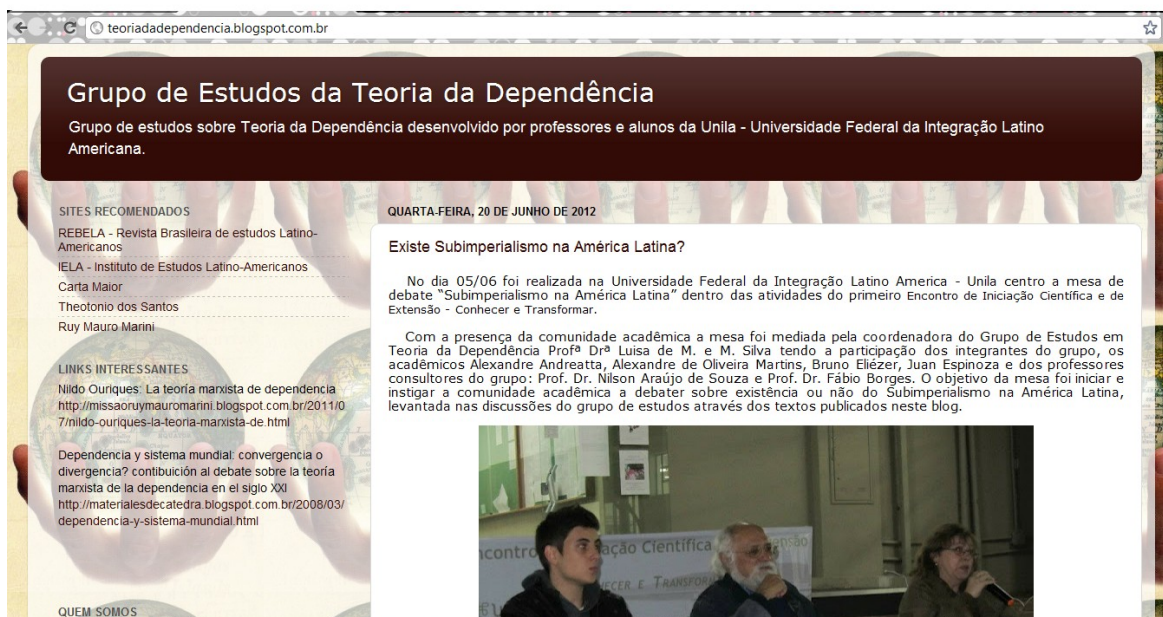


Figura 1 – Blog da Teoria da Dependência, Fonte: Autores



Figura 2 – Blog da Teoria da Dependência, Fonte: Autores

Conclusão

De todas as teorias de desenvolvimento, a da dependência é a única que]
acentua a dimensão internacional como contexto que dialoga com as situações de



desenvolvimento interno das sociedades latino-americanas. A categoria de “dependência” constitui um conceito teórico de status próprio, o capitalismo dependente conforma um sistema de legalidade própria que precisa ser reconhecida para se apreender sua dinâmica. Desta dinâmica a estrutura de luta de classes que foi subestimado pelos representantes da outra vertente da teoria, em favor da ênfase Estado-nação sugere que o desenvolvimento dependente tem limites estruturais, dados pela “dependência”, que impedem a implantação de um capitalismo pleno, isto é, que produzem o “desenvolvimento do subdesenvolvimento e produzem uma espécie de crise estrutural permanente.

São nestes elementos teóricos conceituais que fundamentaremos a construção da matriz metodológica para a análise das sociedades latino-americanas.





Referências

Amin, S. (1970) L'accumulation al`echelle mondiale. Paris: Ed Antropos/IFAN

Bambirra, V. (1978) El capitalismo dependiente em America Latina. Mexico: Siglo XXI

Berlink, M. (1975) Marginalidade social e relações de classes em São Paulo. Petrópolis, RJ: Vozes.

Cardoso, F H e Faletto, E. (1969) Dependencia y subdesarrollo em America Latina. Mexico, siglo XXI,

CEPAL. (1951) Estudio Economico para America Latina. ONU-CEPAL, Santiago de Chile

_____. (1963) El desarrollo economico de America Latina en la postguerra. ONU, Nueva York

_____. (1986) Panorama economico de America Latina. ONU. Santiago de Chile

Dos Santos, T. (1970) La crisis de la teoria del desarrollo y las relaciones de dependencia en America Latina. Cuadernos de Estudios Socio-Economicos, no 11



_____. (1972) Socialismo o fascismo: el nuevo carácter de la dependencia y el dilema latinoamericano. Buenos Aires: Ed Periferia

_____. (1987) La crisis mundial y el nuevo orden Economico Internacional. Em Silva, Michelena, José Agustin(coomp)

Frank, A G (1970) Capitalismo y subdesarrollo en America Latina. , Buenos Aires: Siglo XXI.

_____. (1979) Acumulación dependiente y subdesarrollo. Mexico: Ediciones Era.

Furtado, C. (1982) Modernización versus desarrollo em Critica e utopia, Buenos Aires

_____. Formação econômica da América Latina. Petrópolis, Vozes

Marini, R M. (1970) Subdesarrollo y revolución. Mexico: Siglo XXI.

_____. (1973) Dialéctica de la dependencia, Mexico: Serie Popular Era.

Kowarick, L. (1975) Capitalismo e marginalidade na América Latina (2ª. ed.). São Paulo: Paz e Terra.



Quijano, A. (1978) Notas sobre o conceito de marginalidade. Em L. Pereira (Org.), Populações marginais. São Paulo: Duas Cidades.

Souza, N. A. A. (1993) Teoria Marxista das crises. Global. S. Paulo

